

ATTITUDE

INTERIOR DESIGN MAGAZINE

POSITIVE

Pessoas, histórias e projectos para recordar. Uma mensagem de esperança para uma vida mais feliz.
People, stories and projects to remember. A message of hope for a happier life.

PORTUGAL CONT. 10,00€ · BE/FR/NL 12€ · ES/IT 11,00€ · DE 13,00€ · UK £9,50 · Suisse 15,00CHF · Morocco 110MAD / Bimestral



00109



30.º Aniversário INAIN

Mário Azevedo ainda se lembra das aulas passadas a desenhar ao lado do criador de Vitinho. “Foi aí que comecei a desenvolver a paixão pelo desenho. Depois veio o gosto pelo interior dos espaços e pelas escalas, desenhava quartos estranhos.” As palavras saem-lhe a um ritmo assertivo, com a serenidade de quem já tem muita vida vivida e vários sonhos concretizados. Natural de Luanda, Mário cresceu fascinado por música, cinema e design e chegou a entrar em Arquitectura antes de estudar Fotografia em Belas Artes, no Porto, o primeiro curso dedicado a esta área em Portugal.

Pelo caminho, não faltaram boas histórias e acasos felizes. Ao lado de Paula Ferreira Alves, com quem partilha a vida pessoal e profissional, falou-nos do privilégio de ter trabalhado com Daciano da Costa; dos dias a estudar em Giessen, na Alemanha, e recordou o regresso a Portugal, que o levaria a colaborar com algumas das principais empresas portuguesas. Em 1992, funda a INAIN (Interior

+ Architecture + Innovation), acabando por se associar a marcas como a Minotti, Living Divani, Vitra ou Davide Groppi. “Criámos relações de amizade. Aprendemos muito com a apresentação dos produtos, com as visitas às empresas e com os seus organogramas. E eles connosco também.” Hoje em dia, considera-se um “workaholic”, continua a falar do design com o mesmo rigor e

entusiasmo e admite finalmente ter encontrado espaço para alimentar sonhos maiores, como a banda que criou com alguns amigos, o seu “canto e um dos poucos lugares que me faz sair de todo este processo.”

Foi à boleia do 30.º aniversário da empresa, que nos sentámos à mesa do escritório de Paula Ferreira Alves e Mário Azevedo para saber mais sobre a constante roda-viva de projectos, desafios e ambições que continuam a estimular a sua busca permanente de beleza e qualidade. Três décadas depois, dizem ser uns privilegiados pelos espaços que transformaram e pelas relações que construíram. Quando lhes pergunto o que fica por cumprir, põem o crescimento desmedido de lado e identificam uma exigência maior: a de encontrar o melhor caminho e nunca o maior objectivo. “Queremos continuar a projectar com a mesma precisão, qualidade e foco que é o que nos distingue. Espero que esse foco se mantenha e que este princípio continue a ser uma obsessão.”

30.º Anniversary of INAIN

Mário Azevedo still recollects the lessons spent drawing alongside the creator of Vitinho. “That’s when I started developing a passion for drawing. Then came an appreciation for the interior of spaces and for the scale of things. I used to draw strange rooms.” The words come out at an assertive pace, with the serenity of someone with plenty of life experience and several dreams that have come to fruition. Born in Luanda, Mário grew up fascinated by music, cinema and design and entered Architecture before studying Photography at the School of Fine Arts in Porto, the first course dedicated to this field in Portugal.

Along the way, there were plenty of good stories and fortuitous opportunities. Together with Paula Ferreira Alves, with whom he shares both his personal and professional life, he told us of the privilege of having worked with Daciano da Costa; of his days studying in Giessen, Germany, and then recalled his return to Portugal, which would lead him to collaborate with some of the leading Portuguese companies.

In 1992, he founded INAIN (Interior + Architecture + Innovation), eventually forging a relationship with brands such as Minotti, Living Divani, Vitra or Davide Groppi. “We created friendly relationships. We learned a lot with the presentation of products, the visits to the companies and their organograms. And they also learned with us.” Nowadays, he considers himself a “workaholic”, he

continues to talk about design with the same exactitude and enthusiasm and admits he has finally managed to find space to nurture bigger dreams, like the band he has formed with some friends, his “personal corner and one of the few places that allows me to take time out from this whole process.” It was on the heels of the company’s 30th anniversary that we sat down at Paula Ferreira Alves and Mário Azevedo’s office desk to find out more about the constant wheel of life of projects, challenges and ambitions that continue to spur their permanent search for beauty and quality. Three decades down the line, they say they feel privileged by the spaces they have transformed and the relationships they have built. When I ask them what remains to be achieved, they set unrestrained growth aside and identify a greater imperative: that of finding the best path and never the greatest goal. “We want to carry on designing with the same precision, quality and focus which is what sets us apart. I hope that focus is maintained and that this principle continues to be an obsession.”

MÁRIO AZEVEDO & PAULA FERREIRA ALVES



INÊS GRAÇA **O design sempre cresceu convosco ou foi algo que foram bebendo?**

PAULA FERREIRA ALVES Os meus pais sempre estiveram ligados à fotografia de arquitectura e às artes. Havia algum design dinamarquês lá em casa, e o gosto cultivou-se muito nesse viver. Fui professora de Filosofia e sempre estive ligada aos livros, mas o design era uma área que apreciava. Quando o Mário decide abrir a INAIN, era professora universitária. Achei tão interessante o desafio, e estava numa área tão difícil de singrar, que abandonei o jornalismo. Saltei para o barco e já lá vão 30 anos a remar. Conheci pessoas interessantes, fiz projectos inesquecíveis e, hoje em dia, temos muitas pessoas fidelizadas com as quais adoramos trabalhar.

MÁRIO AZEVEDO Comigo a história é diferente. O meu pai era militar de carreira, eu gostava muito de música, cinema e o design era uma paixão. Desenhava bem e tive a felicidade de ter como colega de carteira a pessoa que criou o Vitinho. Gostava de observar o interior dos espaços, as escadas, desenhava quartos estranhos. Entrei para Arquitectura na altura do 25 de Abril, mas não era exactamente o que queria então abandonei o curso e fiz uma formação em Fotografia na Escola de Belas Artes, o primeiro curso nesta área em Portugal. Depois, chegou aquela altura em que não sabia bem o que fazer, mas era preciso ganhar dinheiro. Tive a felicidade de encontrar um homem chamado Daciano da Costa. Trabalhei com ele quando ele ainda era o designer responsável por uma grande unidade industrial de metalúrgica ligeira e acompanhei todo o processo criativo, muito Bauhaus. Foi, sem dúvida, a altura em que mais cresci. Em 1982, fui para Giessen e aprendi muito com o designer Karl Dittert, que me direccionou para o caminho que queria. Comecei a implementar todo esse know-how em Portugal, ainda muito desconhecido na altura. Estive envolvido na sua execução dos espaços de empresas como a Real Companhia de Seguros, Finibanco, a actual Amorim, Porto Editora ou Vulcano. Em 1992, demos o salto e criou-se a INAIN, que na altura não tinha este nome. A partir das siglas de Interior, Architecture e Innovation, criei a expressão que passou a ser uma marca comercial.

O vosso propósito manteve-se até aos dias de hoje? (M.A.) Quando convidei a Paula para trabalhar comigo, a INAIN estava muito vocacionada para a parte empresarial, mas, a certa altura, Portugal sofre uma grande mutação com a entrada da CEE. Começaram-se a criar empresas como cogumelos, todas homogéneas. A concorrência descontrolada fez com que o cliente começasse a jogar as cartas como queria. As próprias instituições começaram a questionar as suas opções, a escolher o que “servia”, e quando senti que isso estava a acontecer, comecei a direccionar o nosso trabalho para o segmento residencial. Hoje em dia, é curioso que o sector empresarial começou a perceber que a distinção faz toda a diferença e as empresas modernas têm pessoas mais jovens a trabalhar, formadas internacionalmente, que também trazem conceitos novos para o país. O facto de viajar bastante e de

ir às feiras também fez com que começasse a trazer para Portugal grandes marcas que hoje representamos. É o caso da USM, da Vitra ou da Minotti, por exemplo. O que é que eles vêm nesta relação? Várias coisas. Primeiro, percebem que a identidade, o conceito e a paixão são os mesmos. Também temos a mesma postura em termos de trabalho. Mais do que rigor, há um certo “workaholismo” que nos liga. Aprendes muito com a apresentação dos produtos, visitas às empresas, com os seus organogramas e eles connosco também.





INÊS GRAÇA **Was design always something you grew up with or was it something you just gradually became interested in?**

PAULA FERREIRA ALVES My parents had always been connected to architectural photography and the arts. There was some Danish design around the house, and having good taste was very much cultivated in our way of life. I was a philosophy teacher and have always been attached to books, but design was also an area that I enjoyed. When Mário decided to open INAIN, I was a university professor. I found the challenge so interesting, and I was in an area that was so tricky to succeed in, that I abandoned journalism. I jumped boats and have been rowing for 30 years now. I've met interesting people, I've done unforgettable projects and today we have many loyal people with whom we love to work.

MÁRIO AZEVEDO My story is different. My father was in the military career, I liked music, cinema and design was a passion. I drew well and I was fortunate to have the person who created Vitinho as a classmate. I liked to observe the interior of spaces, the scales, I drew strange rooms. I entered Architecture at the time of the 25th of April Revolution, but that wasn't exactly what I was looking for, so I dropped out and did a course in Photography at the School of Fine Arts, the first course in this field in Portugal. Then came a time when I wasn't really sure what I wanted to do, but I had to start earning money. I was lucky enough to meet a man called Daciano da Costa. I worked with him while he was still the designer in charge of a large light metalwork industrial unit and I witnessed the whole creative process, very Bauhaus. That was undoubtedly the time I grew the most. In 1982, I went to Giessen and learned a lot with the designer Karl Dittert, who steered me towards the path I wanted. I started to implement all that know-how in Portugal, which was still largely unknown at the time. I was involved in its implementation in the premises of companies such as Real Companhia de Seguros, Finibanco, present-day Amorim, Porto Editora and Vulcano. In 1992 we took the leap and INAIN was created, which at the time wasn't known by this name. I created the expression that became a commercial brand from the acronyms Interior, Architecture and Innovation.

Has your purpose remained the same until today? (M.A.) When I invited Paula to work with me, INAIN was very much geared towards the business world, but at a certain juncture, with its entry into the EEC, Portugal underwent a major mutation. Companies started springing up like mushrooms, all of them quite homogenous. The unchecked competition meant that clients began to call the shots. The institutions themselves began to question their options, to choose what "suited them", and when I felt that this was starting to happen, I began to direct our work at the residential segment. Nowadays, it is curious how the business sector has started to understand how that distinction makes all the difference and modern companies have younger people working with them, internationally trained, who also bring new concepts to Portugal. The fact that I travelled a lot and went to trade fairs also prompted me to start bringing big brands to Portugal – that we represent today. For example, this is the case of USM, Vitra or Minotti. What do they see in this relationship? Several things. Firstly, they understand that our identity, our concept and passion are the same. We also have the same outlook in terms of work. More than rigour, there is a certain "workaholic" attitude that binds us together. You learn a lot from presenting products, visiting companies, their organograms and they learn a lot from us too.

Olhando para estas três últimas décadas, que projecto recordam com particular carinho? Não há projectos favoritos, o que é importante sublinhar é que temos clientes que, ao longo da sua vida, já desenvolveram quatro ou cinco casas connosco. A nível institucional, um dos projectos que me deu mais gozo foi o Finibanco. Tivemos de criar tudo de raiz, dos espaços à admissão de pessoas. Lembro-me perfeitamente dos telefonemas a toda a hora, das deslocações, de ir para o Algarve procurar baldões. Foi um marco, não pela dimensão, mas pela envolvimento profunda na parte criativa. Tivemos de criar os baldões, desenhá-los, escolher os materiais, as cores, tudo. Por exemplo, com o aparecimento das novas tecnologias, surgiram as máquinas de contar notas que depois não sabíamos onde colocar pois precisavam de estar à vista. Aprendi muito sobre a banca com esse projecto.

Sobre a intervenção que têm em mãos, relativa ao novo centro desportivo do Sporting Clube de Braga, o que podemos esperar? O projecto do Braga surge na sequência de outro projectos que desenvolvemos associados ao Futebol Clube do Porto. Fizemos as instalações do Dragão, os escritórios, as áreas sociais, um pequeno hotel no Olival e um autocarro, cujas regras nem poderíamos imaginar. Por exemplo, os jogadores são muito erosivos, é preciso escolher materiais resistentes, laváveis, e não pode haver uma esquina dentro de um autocarro. Já este projecto é uma sequência do know-how que fomos adquirindo, estamos envolvidos em tudo o que faz parte do novo centro desportivo do Braga. O hotel é uma resposta às necessidades verticais das equipas de hoje e os quartos foram pensados para lhes dar uma maior rentabilidade.

Ainda há sonhos por cumprir? Mais do que isso, queremos continuar a projectar com a mesma precisão, qualidade e foco, que é o que nos distingue, e não o produto que está em vários sítios. Espero que o foco se mantenha e que este princípio continue a ser uma obsessão. Ao fim destes anos todos, fui buscar uma das coisas que mais gostava de fazer quando tinha 14 anos. Inscrevi-me numa escola de música, sou baterista, e tenho um grupo que se junta para tocar. É o meu canto e o lugar que me faz sair de todo este processo. Por isso, quando me pergunta se gostava de fazer isto ou aquilo, o que realmente quero é continuar a gravar música com a minha banda e poder reunir os meus amigos. ^A

Looking back over these last three decades, what project do you remember with particular fondness? There are no favourite projects. What's important to emphasise is that we have clients who, have developed four or five houses with us over time. On an institutional level, one of the projects I enjoyed most was with Finibanco. We had to create everything from scratch, from the spaces to hiring people. I perfectly remember the constant phone calls, the travelling, the trips to the Algarve to look for potential branches. It was a milestone, not because of its dimension, but because of the deep involvement in the creative side. We had to create the counters, design them, choose the materials, the colours, everything. For example, with the appearance of new technologies, note-counting machines appeared, and we weren't even sure where to put them because they needed to be visible. That project taught me so much about banking.

About the intervention you are currently working on, the new Sporting Clube de Braga sports centre, what can we look forward to? The Braga project follows on from other projects we have developed in association with Futebol Clube do Porto. We did the Dragão stadium facilities, the offices, the social areas, a small hotel in Olival and a bus, whose rules we couldn't even start to imagine. For example, players are very 'abrasive', you have to choose materials that are resistant, washable, and there can't be a pointed corner inside a bus. This project is a cumulation of the know-how we have been acquiring, we are involved in everything that is part of Braga's new sports centre. The hotel is a response to the vertical needs of today's teams and the rooms have been designed to lead to greater profitability.

Are there still dreams you would like to fulfil? Even more than fulfilling dreams, we want to continue to conceive our projects with the same precision, quality and focus, which is what makes us stand out, and not the product that can be seen all over the place. I hope that focus is maintained and that this principle continues to be an obsession of ours. After all these years, I returned to one of my favourite things I did when I was 14. I enrolled in a music school, I'm a drummer, and I have a band that gets together to play. It's my personal corner and one of the few places that allows me to take time out from this whole process. So, when you ask me if I'd like to do this or that, what I really want is to keep recording music with my band and to be able to bring my friends together. ^A

